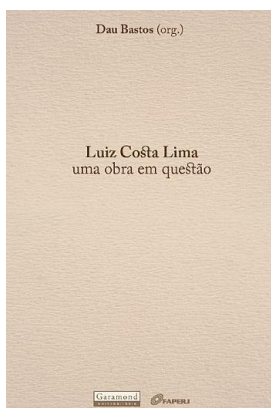


“Já foi o tempo em que o país se orgulhava do espírito macunaímico”

entrevista com **Dau Bastos**

Dau Bastos publicou os romances *Das trips, coração, Snif, Clandestinos na América* e *Reima*, a tese *Céline e a ruína do Velho Mundo*, a biografia *Machado de Assis: num recanto, um mundo inteiro* e alguns outros livros. É professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro. A seguir, discorre sobre *Luiz Costa Lima: uma obra em questão* (2010), que lhe coube organizar.



Wanderson Lima: Como surgiu a ideia de um livro de entrevistas com Luiz Costa Lima?

Dau Bastos: Pensei em organizá-lo assim que comecei a fazer mestrado em Literatura Brasileira, duas décadas atrás, quando constatei o paradoxo de o grande professor do Instituto de Letras da UERJ enfrentar muita dificuldade para ser compreendido pelos alunos de graduação e pós. Eu próprio, já com trinta anos, boiava em boa parte de suas aulas. No início, pensei em algo muito simples, tipo *Para entender Luiz Costa Lima*, feito de capítulos explicativos. Aos poucos, achei que a melhor maneira de facilitar a compreensão de suas descobertas e reflexões seria recorrendo a um gênero que, a meu ver,

deveríamos cultivar intensamente: a entrevista literária. Não do modo banalizado como costuma aparecer nos periódicos, e sim como texto capaz de conciliar dinamismo e profundidade. O último passo no sentido de realizar o projeto foi abri-lo à participação do maior número possível de interlocutores, escolhidos entre professores de instituições brasileiras e estrangeiras que conhecem bem a obra do Luiz. O plano demorou para ser realizado, mas isso foi até bom, pois durante esse tempo o entrevistado escreveu mais que nunca, chegando à cifra invejável de 21 volumosos títulos.

WL: *Luiz Costa Lima: uma obra em questão* me parece um livro que se bifurca em dois objetivos, já que tanto oferece uma súpula das ideias do autor como possibilita ao entrevistado, muito autoexigente, nuançar distinções e aprofundar argumentos. Esta dupla visada foi pensada previamente pelo organizador ou a ideia era apenas oferecer uma introdução?

DB: Mesmo sem compreender boa parte do que o Luiz dizia, percebi, desde as primeiras aulas, que o problema não era dele, e sim meu. Faltava-me, como a boa parte dos estudantes, professores e produtores de literatura de nosso país, acesso a uma vasta bibliografia sobre ficção e poesia, desde a Grécia até a atualidade, pela qual o Luiz circula como se estivesse em casa. Assim se explica que o intuito inicial fosse mapear essas leituras, de modo a criar condições de diálogo, com a conseqüente síntese das ideias mestras do pensamento do entrevistado: controle do imaginário, mimesis e assim por diante. Acontece que o Luiz se mantém em constante ebulição. Ao se revisitar, não se limitou a reproduzir o que havia publicado: além de escrever como se conversasse, exerceu uma autocrítica feroz sobre seu quase meio século de produção e, muitas vezes, chegou a novos achados sobre questões anteriormente enfrentadas. Em síntese, por mérito seu – e certamente dos entrevistadores, escolhidos pela argúcia, competência e seriedade –, tenho a alegria de dizer que o livro ficou infinitamente mais rico do que o imaginei.

WL: O que, a seu ver, *Luiz Costa Lima: uma obra em questão* acrescenta às reflexões do entrevistado?

DB: Como o Luiz precisou parar sua produção frenética para perspectivar aquilo que já havia colocado no papel, pôde formular com outras palavras certos pensamentos que, assim, ganharam um brilho diferente e, beneficiados pela passagem do tempo, puderam ir ainda mais longe. A navegação pelo todo da obra também possibilitou ao entrevistado explicitar conexões impossíveis no âmbito exclusivo de um livro. Dessa maneira, criou condições de o leitor perceber, com toda a clareza, a articulação de vários dados que, em conjunto, contribuem significativamente para a compreensão do fenômeno literário.

WL: As condições atuais de nossa academia são mais favoráveis a uma compreensão da obra de Luiz Costa Lima ou continuamos, para lembrar um célebre ensaio do entrevistado, com medo da teoria?

DB: Em consonância com o otimismo dos teóricos da estética da recepção – que acreditam na ampliação paulatina do horizonte ficcional do ser humano –, vejo a teoria como uma área que atrai cada vez mais os estudantes de Letras. A ampliação de sua acessibilidade encontra explicação em paralelos que fazamos com áreas tão distantes quanto a informática, cujo conhecimento se propaga continuamente, facultando a um número cada vez maior de pessoas conhecerem softwares e demais recursos. No caso do Luiz, já não é possível dizer que sua obra é muito complicada: quem encontrar alguma dificuldade terá apenas de adquirir nosso livro, que, segundo vários depoimentos de leitores, realmente é um verdadeiro mapa da mina. Isso é muito bom, pois haverá um momento em que dizer que não leu nada de Costa Lima vai ser um mico e tanto. Uma das mostras de seu crescente alcance, dentro e fora da universidade, se encontra num dos últimos textos que José Castello publicou no “Prosa & Verso”, do *Globo*, iniciado por uma lista de críticos brasileiros importantes na qual se vê primeiro Antonio Candido e, em seguida, nosso entrevistado – tratado, assim, como o nome mais expressivo de sua geração. Ora, reconhecer o valor do Luiz é admitir que a teoria é imprescindível. Daí a tristeza de ouvir, num importante congresso realizado na Faculdade de Letras da UFMG, um colega do Rio defender o retorno da crítica impressionista como se fosse uma espécie de abordagem cheia de molejo que o enrijecimento acadêmico teria estigmatizado. É igualmente desesperador ver e ouvir colegas

de todo o Brasil tratando a escrita em prosa e verso nos moldes dos velhos manuais de literatura e, o que é pior, sentindo-se no direito de meter o cacete em quem tenta desenvolver a teoria entre nós; geralmente são tão toupeiras que sequer percebem a ficção e a poesia lhes escapando inteiramente por entre os dedos. Para não me limitar aos docentes, digo igualmente do grande constrangimento de ver graduandos e pós-graduandos fazendo suas escolhas de professores e orientadores pela refração a essa atividade penosa que é pensar. Já foi o tempo em que o país se orgulhava do espírito macunaímico, mas restam largas ilhas de preguiça a nos matar de vergonha.

WL: Entre os livros de Luiz Costa Lima, quais os que mais lhe agradam e por quê.

DB: Em vez de fazer apenas uma seleção, talvez seja mais conveniente sugerir um roteiro de leitura. Àqueles que ainda não conhecem a obra do Luiz aconselho que comecem pelo nosso livro de entrevistas, e não porque o organizei, e sim porque o entrevistado articula (com uma combinação rara de erudição e simplicidade) ficção, poesia, filosofia, história, sociologia e outros campos afins, oferecendo uma visão riquíssima da literatura ocidental e de sua própria trajetória intelectual. Em seguida, cairia muito bem *A afirmação do romance & o controle do imaginário* (2009), em que o autor balanceia tão bem teoria e história da literatura que facilita a compreensão das categorias com as quais tem trabalho. A essa altura o leitor terá se dado conta das obsessões que motivaram a escrita de duas alentadas trilogias dedicadas, respectivamente, ao controle do imaginário e à mimesis. A primeira foi escrita no período de 1984 a 1988 e, em 2007, recebeu uma edição primorosa que se chama justamente *Trilogia do controle*. Quanto à segunda, constitui-se de *Mimesis e modernidade* (1980), *Vida e mimesis* (1995) e *Mimesis: desafio ao pensamento* (2000). Igualmente imprescindível a quem queira compreender o pensamento desse maranhense/pernambucano que hoje se destaca como um dos maiores teóricos da literatura do mundo é *Limites da voz I e II* (1993), que parte de Montaigne e chega a Kafka, passando por Kant e Friedrich Schlegel. Por fim, títulos como *A aguarrás do tempo* (1989) e *História. Ficção. Literatura* (2006)

comprovam que é possível não somente pensar nos trópicos como produzir uma teoria da literatura que nada deva ao Velho Continente.

WL: Numa de suas perguntas a Costa Lima, vem à tona a mutação ocorrida nos processos de controle do imaginário nos dias correntes. O controle contemporâneo cabe ao mercado (antes coubera à Igreja, ao Estado e à ciência) e é caracterizado pelo entrevistado como neutralizador (no sentido que não obsta que se escreva sobre qualquer tema, mas dependendo sobre o que e como se escreva o mercado simplesmente despreza, não editando) e indiferente ao problema do valor (antes o controle existia em função de valores, mesmo que se tratasse de valores degenerados). De que forma, a seu ver, essa forma de controle contemporâneo afeta a qualidade da produção literária?

DB: Tentarei responder contando que este ano organizaremos, na Faculdade de Letras da UFRJ, o II Encontro do Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, dedicado às relações entre produção, edição e recepção. A ideia é pensar a criação como atividade que se beneficia do alheamento em relação às diferentes injunções, a começar pelas mercadológicas e midiáticas. Também convidaremos ao diálogo alguns editores de poetas e prosadores em atividade, além de jornalistas responsáveis por suplementos literários. Evidentemente o trinômio a nortear o evento não surgiu por acaso, e sim devido ao cansaço de ver o mercado e a mídia ditarem os textos a serem publicados, badalados e, o que é mais escandaloso, considerados bons. Em geral, esse cânon (!) se faz de escritos que repetem fórmulas conhecidas, das folhetinescas às detetivescas, passando pelos arremedos de thrillers hollywoodianos. Se é triste encontrar autores orgulhosos da condição de epígonos de Rubem Fonseca (que, coitado, não tem culpa de sua raquítica prole), é alarmante acompanhar professores de Letras agindo como se a universidade estivesse parada no tempo e devesse, para se atualizar, seguir as duas outras instâncias citadas. Esquecem que somos a instituição em melhores condições de pensar essa categoria fugidia mas fundamental chamada qualidade. Estamos a reboque da produção, sim, sem a qual não há análise; mesmo assim, é historicamente sabido que os autores realmente dignos desse nome prestam muita atenção à crítica. Seja como for, temos

todas as condições de nos colocarmos à frente do mercado e da mídia quando se trata de analisar os textos, afinal nosso patrão (o povo) não nos demitirá caso expressemos exatamente o que enxergamos e nossa clientela (a juventude) está numa fase especialmente propícia a um mínimo de verdade. Logicamente não podemos tratar os editores de livros e suplementos literários como vendidos, afinal eles não têm como escapar à preocupação com a acolhida dos textos: os primeiros precisam faturar, sob pena de irem à falência; os segundos encomendam resenhas de livros que interessem ao grande público ou perderão o emprego. Agora, não faz sentido esperar que um jingle consiga o rendimento poético e musical de uma canção produzida de maneira despragmatizada e em total liberdade. Em minha opinião, uma das maneiras mais eficazes de resistir ao controle do imaginário na atualidade é fomentando o potencial analítico e teórico das faculdades de Letras, assim como seu diálogo, sem complexos e preferencialmente assertivo, com autores e editores.

WL: No início de livro, você traça um panorama – meramente aperitivo, como você mesmo ressalta, porém (acrescento eu) bastante útil – que atravessa todos livros publicados por Costa Lima até então. Pensa em escrever algum dia um estudo mais alentado, um livro, sobre a obra costalimiana?

DB: Pois é, prometi ao Ari Roitman, editor do livro, que escreveria uma apresentação de aproximadamente dez páginas, porém fui me empolgando e, quando me dei conta, o texto tinha se multiplicado por quatro. Dado às biografias intelectuais – escrevi as de Louis-Ferdinand Céline e Machado de Assis –, concordo com você quanto à possibilidade de esse panorama ser a primeira versão de um trabalho realmente de fôlego. No presente, não tem sentido realizá-lo, até porque ficaria sombreado pelo brilho do próprio Luiz, que partilha com Guimarães Rosa a capacidade de falar de sua produção melhor do que qualquer outra pessoa. No entanto, em algum momento surgirão condições de fazer uma costura entre seus escritos, trechos das análises suscitadas por sua vasta obra, dados mais pessoais – que ele despreza categoricamente – e declarações de leitores, ex-orientandos, familiares e quem mais o conhece.

WL: Deixando a teoria de lado e pensando no homem, gostaria de saber: o que acrescentou ao professor e escritor Dau Bastos a convivência com Luiz Costa Lima?

DB: Em 1990, eu tinha três pequenos livros de ficção, pouco mais de uma década de prestação de serviços ao mercado editorial e alguma experiência na imprensa, decorrente da edição de um jornal alternativo e a escrita de dezenas de resenhas. Esse currículo poderia me alimentar a pretensão de ser um jovem intelectual, entretanto me dava a sensação de eu não passar de um saco vazio. Assim se explica que tenha voltado à universidade para fazer mestrado e, para minha sorte, haja encontrado o Luiz, em quem coleí por sabê-lo capaz de me indicar a alimentação de que precisava. Em pouco mais de vinte anos de convivência, listo uma infinidade de descobertas, a começar pela percepção de que o pensamento pode ser belíssimo e, se formulado com felicidade, não somente nutre como encanta e emociona. Ao ler o Luiz, experimento aquele prazer que somente os grandes autores proporcionam. Logicamente, a absorção de tantos nutrientes mudou minha percepção de minha própria ficção e da literatura como um todo. Diferentemente do que alguns conhecidos predisseram – que o contato continuado com a teoria travaria minha produção –, precisei de algum tempo para digerir, é verdade, mas hoje me sinto mais solto do que nunca, tanto como docente quanto como romancista. Para não me estender muito, acrescentaria apenas mais uma lição aprendida com meu ex-orientador: a faculdade de Letras não é o espaço da diplomacia e da cordialidade, e sim do exercício dos sentidos crítico e estético. Se exercê-los a fundo pode criar dissabores, o ganho em termos de produção os compensa amplamente.

Wanderson Lima é poeta e ensaísta. Professor de literatura da Universidade Estadual do Piauí – UESPI e doutorando em Literatura Comparada pela UFRN. Autor, entre outros, de *Reencantamento do mundo: notas sobre cinema* (Amálgama, 2008), em co-autoria com Alfredo Werney.

Blog: [O Fazedor](#)